



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado da Fazenda
Diretoria de Planejamento Orçamentário

Indicadores Econômico-Fiscais

Santa Catarina, Novembro 2015

SUMÁRIO		pág
	INTRODUÇÃO	2
2	RESUMO EXECUTIVO - A Profunda Crise Nacional	4
3	QUADRO RESUMO	6
4	RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - RCL	7
5	RECEITA TRIBUTÁRIA – RT	8
6	NÍVEL DE ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE	9
6.1	Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor	9
6.2	Produção Agropecuária – Produção e Preços dos Principais Produtos	10
6.3	Produção Industrial Física	11
6.4	Volume e Receita Nominal de Vendas do Comércio Varejista Ampliado	12
6.5	Receita Nominal do Setor de Serviços	13
6.6	Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica	14
6.7	Mercado de Trabalho	15
6.8	Comércio Exterior	16
6.9	Índices de Confiança	17
6.10	Desempenho por Estado da Federação	18
7	OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS – Inflação e Taxa de Câmbio	19
8	ECONOMIA INTERNACIONAL	20

NOTA EXPLICATIVA: A DIOR não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Indicador de Conjuntura. Apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.

INTRODUÇÃO

SECRETÁRIO DE ESTADO DA FAZENDA
Antonio Marcos Gavazzoni

DIRETOR DE PLANEJAMENTO ORÇAMENTÁRIO
Romualdo Goulart

EQUIPE DE ELABORAÇÃO:
Paulo Zoldan
Vitorio Manoel Varaschin

COLABORAÇÃO
Jarbas Carioni
Guilherme Kraus

CONTATO:
Telefones: (48) 3665 2581
E-mail: gepla@sefaz.sc.gov.br
Link: <http://www.sef.sc.gov.br/relatorios/dior/boletim-de-indicadores-econ%C3%B4mico-fiscais>

SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA
Centro Administrativo do Governo – Rodovia SC 401 – Km 5, nº 4.600
Saco Grande II – Florianópolis – SC

O boletim “Indicadores Econômico-Fiscais” de Santa Catarina traz dados estatísticos da economia e das receitas do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o Produto Interno Bruto (Pib), emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, vendas e receitas do comércio, consumo de energia elétrica, consumo aparente de cimento, vendas de óleo, inflação e câmbio, e as expectativas de agentes econômicos, entre outros indicadores da economia estadual.

Os indicadores são atualizados periodicamente propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica presente no Estado, sua comparação com o País e o delineamento das tendências de curto prazo da economia. Nesta edição, apresenta-se uma análise da conjuntura econômica do País e uma síntese dos principais indicadores da economia estadual disponíveis até a última semana de novembro. Também, baseado nesses e em outros indicadores, apresenta-se a atualização da previsão da taxa de crescimento do Pib estadual para este ano, bem como a nova série do Pib estadual, recentemente divulgada pelo Ibge.

São cerca de 20 indicadores econômicos organizados e divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina.

Espera-se que os dados e as informações aqui apresentados tragam suporte ao processo de elaboração do orçamento estadual bem como à tomada de outras decisões estratégicas de agentes públicos e privados.

2. RESUMO EXECUTIVO – A profunda crise nacional

O Brasil exibirá uma das mais baixas taxas de crescimento do mundo, tanto em 2015 como em 2016. Esta crise, no entanto, é intensa e tem várias vertentes. Diferente de outras já vividas, enfrenta um embate político entre os poderes executivo e legislativo, aguçado por escândalos de corrupção sem precedentes e com grandes ramificações.

Difícil imaginar uma saída antes da solução política, mesmo que parcial. Como a crise econômica, em grande parte, deve-se ao desequilíbrio estrutural originado pelo aumento sistemático dos gastos públicos, que progrediram sem vinculação com o crescimento econômico ou de receitas, a saída passa por reformas e ajustes que dependem da harmonia dos poderes conflitantes. Portanto, a retomada consistente extrapola medidas de curto prazo e exige um consenso político.

Desde os anos 90, o Estado brasileiro vem gastando mais do que cresce a economia. Entretanto, desde então, passamos por um longo período de estabilidade política, equilíbrio macroeconômico e fomos favorecidos por relações de troca no mercado internacional. Com a crise internacional de 2008/2009, o governo brasileiro reagiu aprofundando uma política expansionista e intervencionista com incentivos à produção e ao consumo, através da concessão de créditos subsidiados, proteção de setores selecionados e da entrega de mais serviços públicos e benefícios sociais.

Os desequilíbrios aumentaram, exigindo uma carga tributária cada vez maior, atualmente, uma das maiores entre os países emergentes. Com a polarização política e um processo eleitoral bastante conturbado, as mazelas ficaram expostas. As intervenções em diversos setores da economia se mostraram desastrosas. A inflação voltou e o desemprego cresceu.

Os históricos gargalos da infraestrutura do País que não foram resolvidos se somaram à incapacidade de investimento das empresas, seja pela asfixia que passam diante do aumento de seus custos, seja pela imprevisibilidade na economia.

O resultado foi a perda de produtividade e competitividade das empresas, especialmente na indústria.

Assim, o Brasil vem, por um longo período, crescendo a taxas baixas e oscilantes e abaixo do crescimento mundial, inclusive de países emergentes.

As perspectivas econômicas para o País nos próximos meses não são boas. As incertezas persistem, os consumidores estão receosos, o comércio pessimista e a indústria sem grandes expectativas. O comércio externo, que poderia em parte compensar a retração do mercado interno deverá ter recuperação lenta e localizada.

A indefinição de metas e horizontes e o prolongamento dos ajustes necessários para criar um ambiente presente e futuro que assegure confiança na economia tem sido um forte entrave à retomada do crescimento.

No exterior, esta desconfiança se refletiu no rebaixamento do Brasil quanto à sua capacidade de honrar compromissos financeiros. Por fazerem parte de um País de maior risco, os estados federados terão maior dificuldade de manter suas classificações, as quais já estão sendo avaliadas pelas agências de risco.

A retomada do crescimento passa por uma extensa agenda. É necessário inverter a trajetória de aumento dos gastos públicos. O problema previdenciário precisa ser enfrentado, a reforma tributária precisa sair das intenções, a persistente indexação da economia precisa ser superada. Além disso, as práticas intervencionistas do governo precisam acabar, seja pelos incentivos eletivos a segmentos do setor privado, ou através das práticas populistas de interferências nas tarifas públicas e exigências equivocadas nos contratos de concessões públicas, evitando erros do passado.

A preservação das conquistas sociais e dos avanços na redução da desigualdade, no entanto, deve ser imperativa, assim como a priorização da educação precisa sair do discurso e entrar no campo da realização.

Somente poderemos assegurar previsibilidade e confiança no futuro do nosso País quando a disciplina fiscal for levada a sério e o governo se dedicar com afinco e competência às funções que lhe são próprias. E quando for incorporado um

sistema transparente de planejamento e gestão baseado em metas, objetivos e avaliações que lhe permita assegurar o controle do seu orçamento e traçar caminhos para um desenvolvimento desejável.

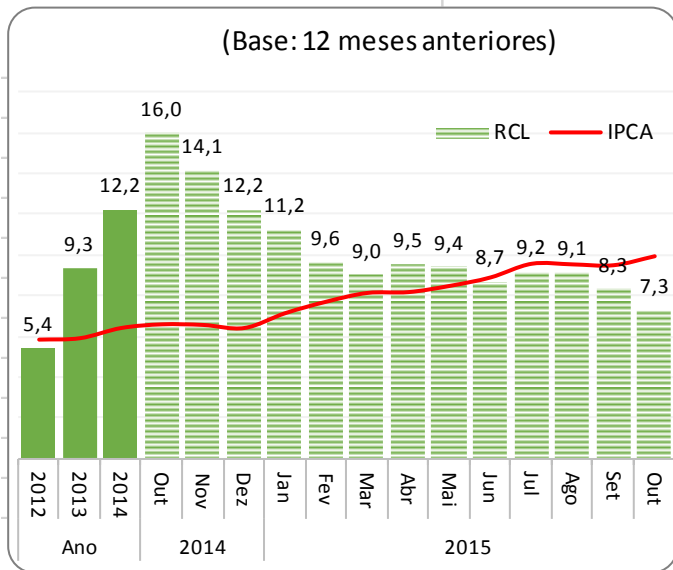
Resta torcer para que a crise política tenha desfecho rápido e que tenha servido para elevar a qualidade das instituições brasileiras.

3 QUADRO RESUMO – INDICADORES DA ATIVIDADE ECONÔMICA EM SANTA CATARINA

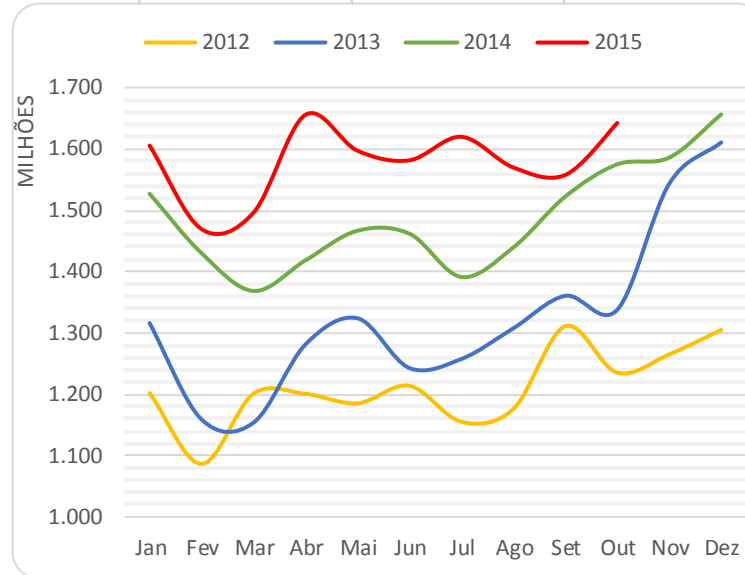
Indicador	Mês de Referência	Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)				Mês/Mês Anterior (%)	Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%)			
							Mês	Acumulada no ano	Acumulada em 12 meses	
Receita Corrente Líquida	Outubro					7,3	5,5	4,3	8,2	7,3
Receita Tributária	Outubro					6,1	1,9	-3,7	5,1	6,1
ICMS	Outubro					4,8	4,0	-4,6	4,0	4,8
PIB Global 2015 - Previsão	Outubro					-1,6				-1,6
Empregos com Carteira Assinada	Outubro					-2,3	-0,2		-0,8	-2,3
Produção Industrial - Indústria Geral	Setembro					-6,4	-0,7	-11,6	-7,4	-6,4
Exportações	Outubro					-14,5	-8,6	-28,8	-15,8	-14,5
Importações	Outubro					-15,6	-13,3	-45,0	-18,8	-15,6
Volume de Vendas do Comércio Varej. Ampl.	Setembro					-5,2		-15,8	-7,8	-5,2
Receita das Vendas do Comércio Varej. Ampl.	Setembro					1,3		-7,5	-0,7	1,3
Receita Nominal de Serviços	Setembro					4,8		1,0	3,6	4,8
Venda de Veículos Novos	Outubro					-23,3	0,4	-39,1	-28,0	-23,3
Consumo Aparente de Cimento	Abril					-0,3	-14,0	1,2	0,0	-0,3
Vendas de Óleo Diesel	Outubro					-4,5	0,3	-17,2	-5,4	-4,5
Consumo de Energia Elétrica	Setembro					0,4	-4,0	-3,7	-1,5	0,4
Inflação (IPCA/Brasil)	Outubro					9,9	0,8		8,5	9,9
Dólar (R\$ / US\$)	Novembro					43,2	-2,5	48,3	43,5	43,2

4 RECEITA CORRENTE LÍQUIDA – RCL (1)

Crescimento (%) acumulado em 12 meses



Arrecadação mensal (R\$ Milhões)



DESTAQUES

Receita cresce abaixo da inflação

A taxa anualizada de crescimento da RCL caiu de 8,3% para 7,3% entre setembro e outubro.

O comportamento sazonal da RCL recupera tendência observada no trimestre dos anos anteriores.

Em outubro, na comparação com o mesmo mês de 2014, as receitas correntes cresceram apenas 2,5%. A arrecadação do ICMS caiu 4,6%, na comparação, depois de ter caído quase 6% em setembro.

No acumulado de 2015, o ITCD e o IRRF cresceram bem acima das demais receitas, mas, pela baixa participação na arrecadação total geraram pouco impacto na RCL.

(1) A RCL é a diferença entre as receitas correntes (tributárias e outras e as transferências correntes) e as deduções. É a base para estabelecer limites de gastos do governo.

Crescimento (%) da RCL por tipo de receita até outubro

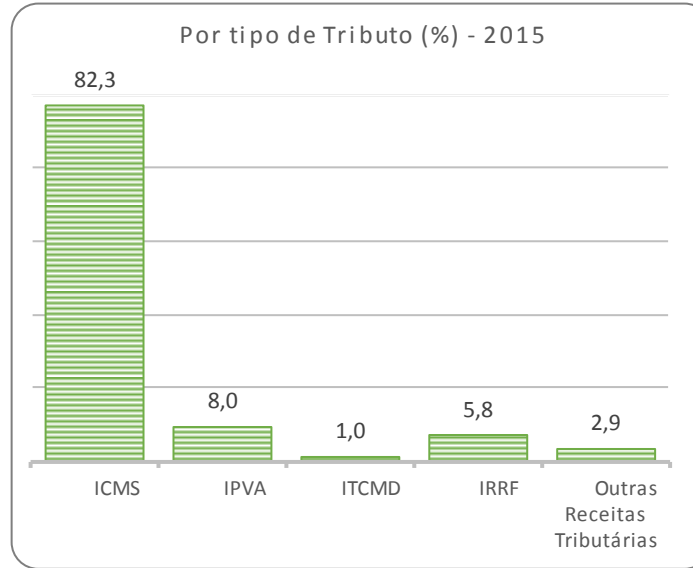
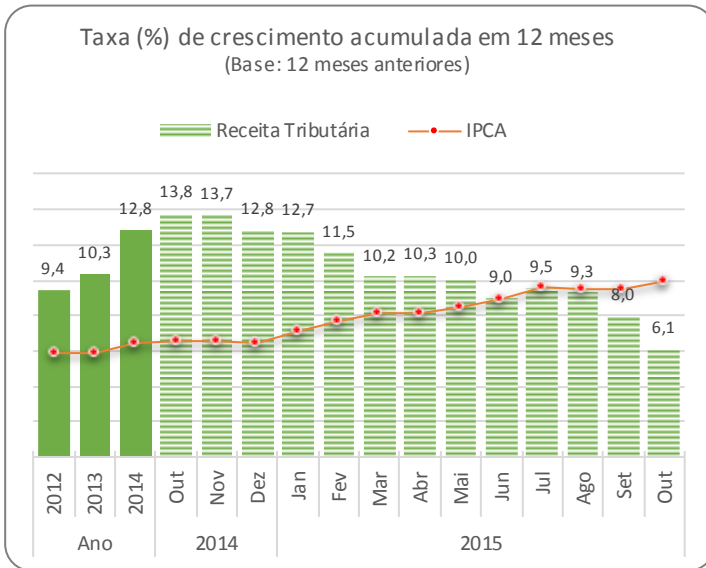
	Var. mensal - (Base: igual mês do ano anterior)	Var. acum. no ano (Base:igual período anterior)
RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (1)	4,3	8,2
RECEITAS CORRENTES	2,5	7,5
Receita Tributária	-3,7	5,1
ICMS	-4,6	4,0
IPVA	-1,0	6,6
ITCD	22,5	24,9
IRRF	5,3	19,6
Outras Receitas Tributárias	-10,7	3,5
Outras Receitas	8,7	16,3
Transferências Correntes	30,4	13,0
Outras Receitas Correntes	-24,6	7,7
DEDUÇÕES	-1,4	5,8

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

5 RECEITA TRIBUTÁRIA – RT

RECEITA TRIBUTÁRIA (1)

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef



DESTAQUES

Tributação em queda

A receita tributária em 12 meses voltou a cair em outubro, seguindo tendência iniciada em 2014. A arrecadação segue abaixo da inflação do período.

82,3%

Foi a participação do ICMS na receita tributária do Estado, no acumulado em 2015. O tributo vem perdendo participação ao longo do ano.

ICMS cresce menos que inflação

Pelo quinto mês consecutivo a receita anualizada do ICMS cresceu abaixo da inflação do período.

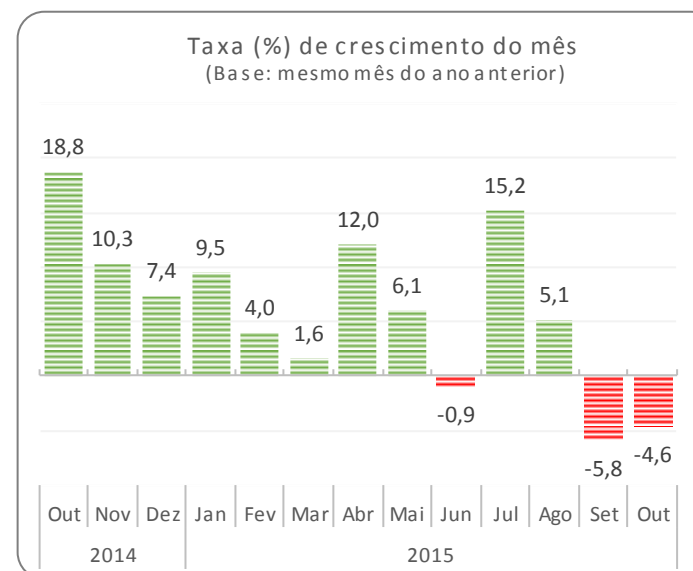
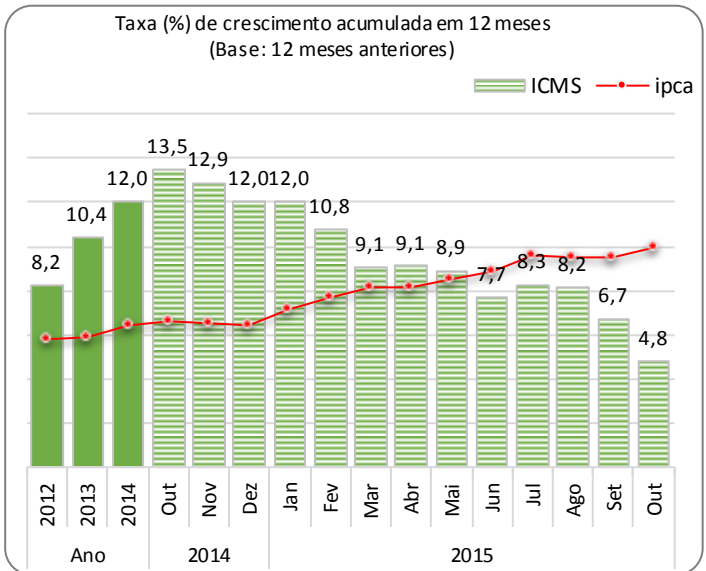
ICMS cai quase 6 %

A arrecadação do ICMS em outubro caiu 4,6% em relação ao mesmo mês em 2014. No acumulado do ano, o índice cresceu 4%, e em 12 meses, 4,8%. A inflação nos 12 meses foi 9,9%.

(1) A receita tributária é formada por impostos estaduais (ICMS, IRRF, IPVA, ITCMD e ITBI) e taxas pagas ao Tesouro.

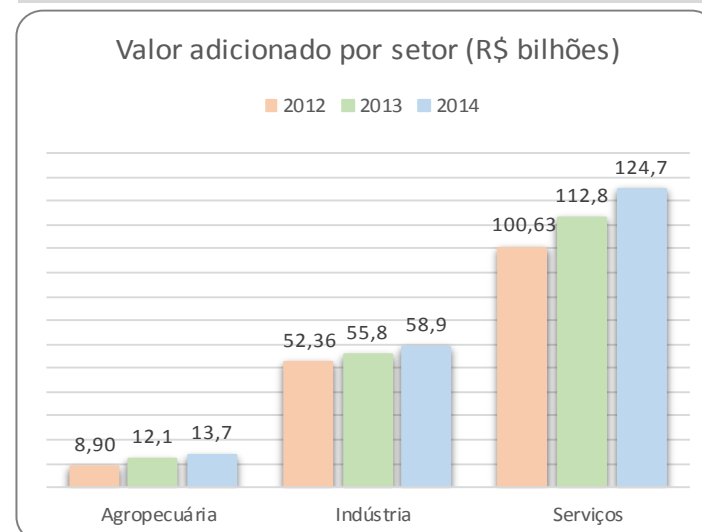
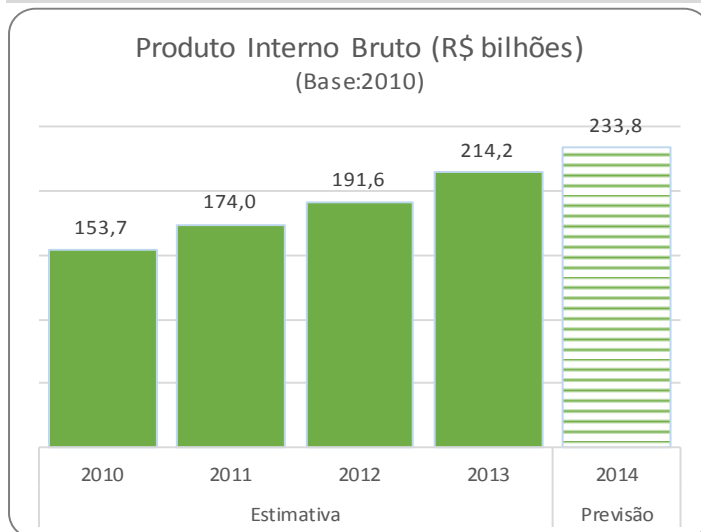
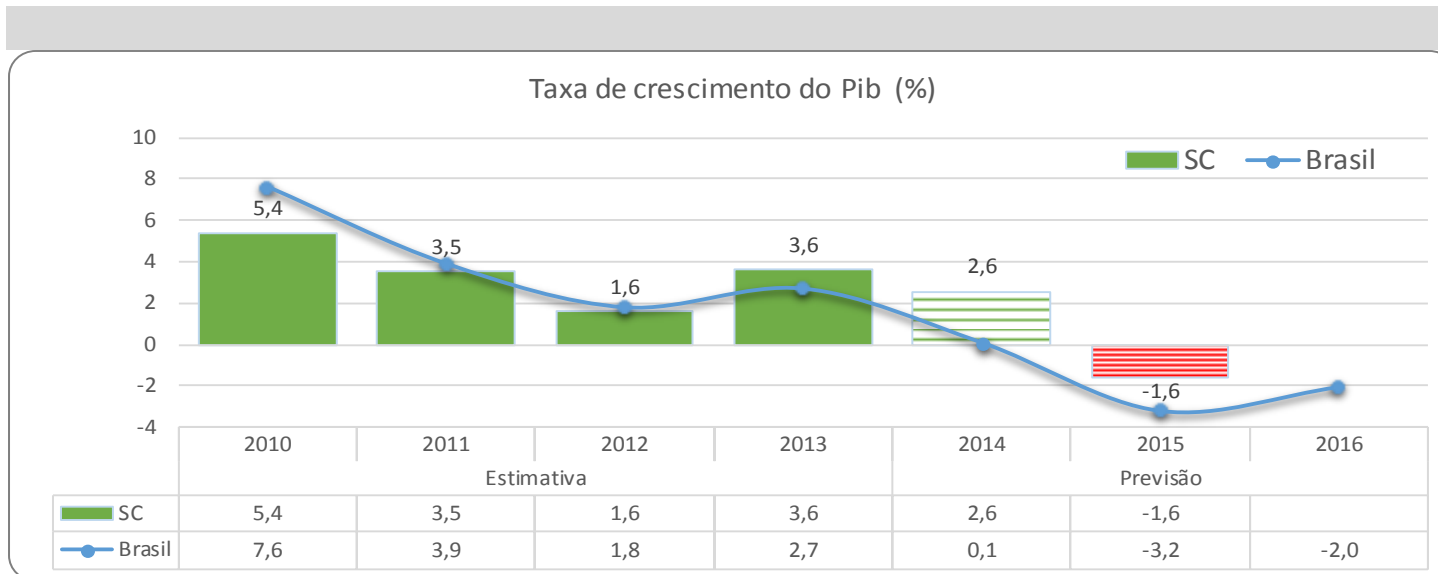
ICMS

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef



6 NÍVEL DE ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE

6.1 Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor

**DESTAQUES****Economia desacelera**

O Pib catarinense vem desacelerando desde 2014 e mantém essa tendência em 2015, mas, segue acima das previsões de crescimento do Pib nacional.

-1,6%

É a previsão de crescimento do Pib estadual para 2015, com base nos indicadores disponíveis até outubro.

Os serviços (cerca de 60% do Pib) retraíram 1,3%, principalmente devido a queda no comércio, de 5%, e nos transportes, de 4,5%. A indústria caiu quase 6% (destaque para a têxtil, metalúrgica e a de máq. elétricas) enquanto a construção civil caiu 0,3%. O crescimento da agropecuária, dos serviços industriais de utilidade pública, da adm. pública (APU) e de alguns segmentos dos serviços não foi suficiente para compensar a retração dos demais.

Nova Base

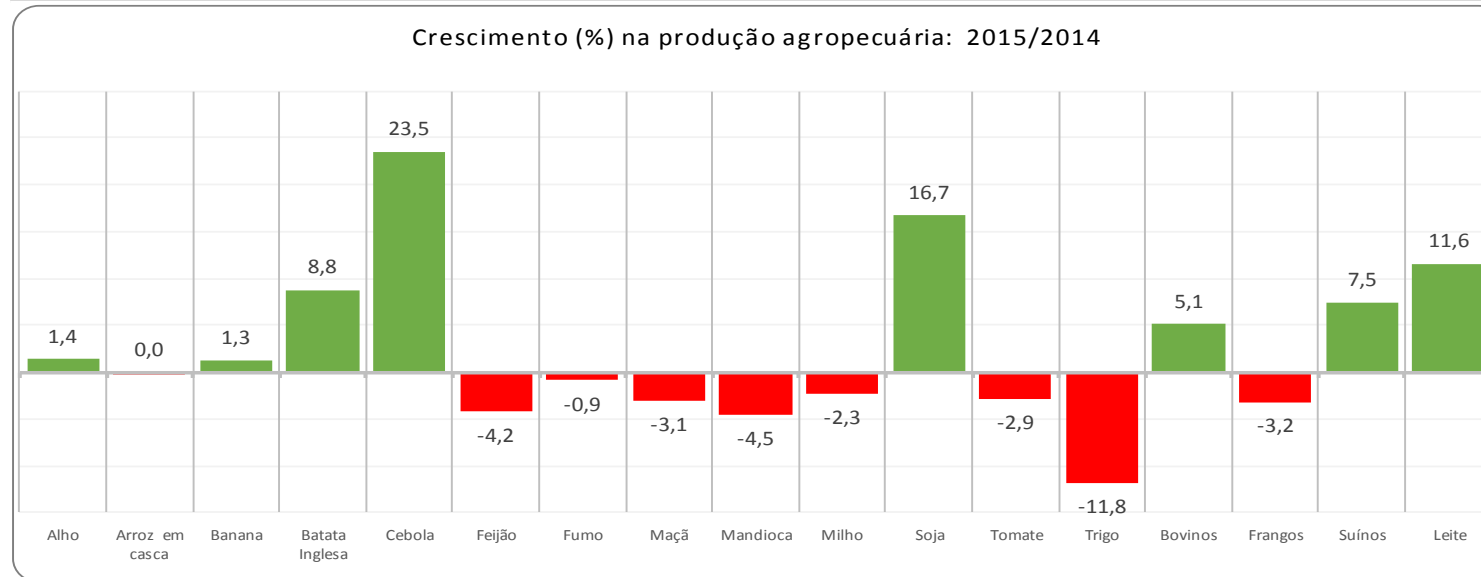
De acordo com os novos resultados que contemplam o ano de 2010 como referência e a incorporação de uma nova classificação de produtos e atividades, o Pib estadual cresceu 3,6% em 2013, atingindo R\$ 214,2 bilhões.

Fonte: IBGE/Contas Regionais e Nacionais; SPG/SC e SEF/SC/DIOR; e Bacen (Relatório Focus, 20/11/2015).

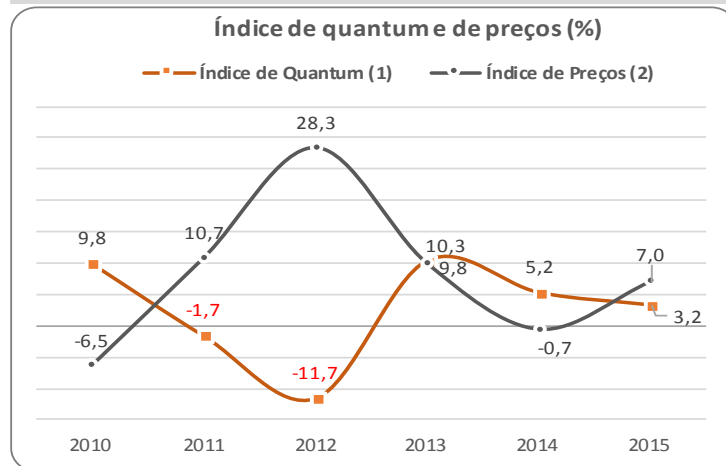
Elaboração: SEF/DIOR

6.2 Produção Agropecuária – Produção e Preços dos Principais Produtos

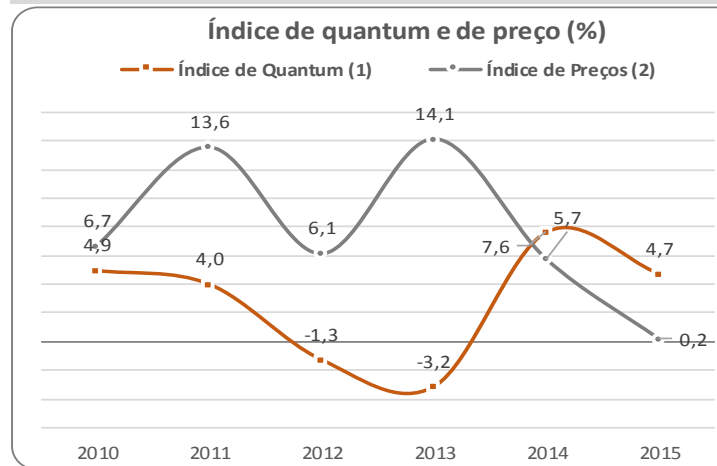
EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE



AGRICULTURA



PECUÁRIA



Fonte: IBGE/LSPA de setembro 2015 e Pesquisa Trimestral do Leite; MAPA/SIPAS e DFAs de setembro 2015 e EPAGRI (Preços Recebidos pelos Agricultores)

DESTAQUES

Soja e cebola são destaques

Dentre os 13 principais produtos agrícolas do Estado, 8 reduziram a produção em 2015. O crescimento da produção de cebola, soja e batata inglesa foi o mais expressivo.

Bom ano para a cebola

O Estado é o maior produtor nacional e os elevados preços no mercado estão estimulando o produtor.

Agricultura

Até o mês de setembro, o Índice de Quantum da produção agrícola de 2015 indicava crescimento de 3,2% e, o de preços, 7% na comparação com os dados da safra anterior.

Pecuária

Até o mês de setembro, a produção pecuária indicava crescimento de 4,7%, enquanto os preços cresceram 0,2% na comparação com os dados do ano anterior.

(1) O índice de "quantum" tem como objetivo medir, em nível estadual, o desempenho físico global da produção do setor.

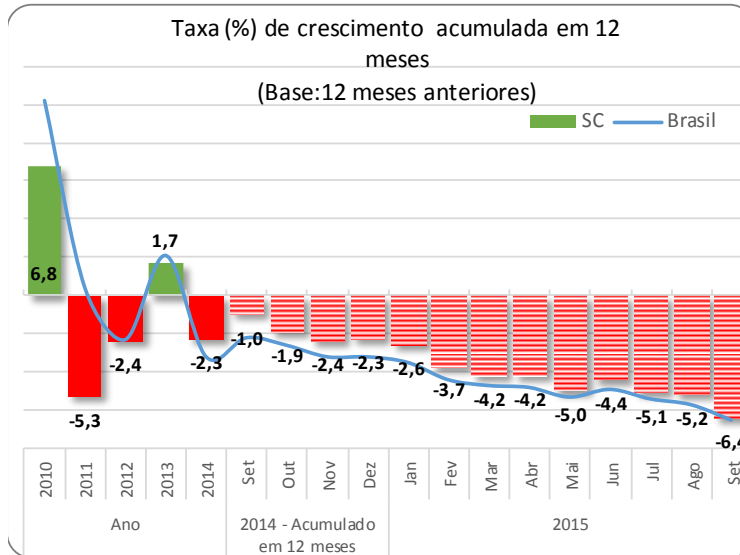
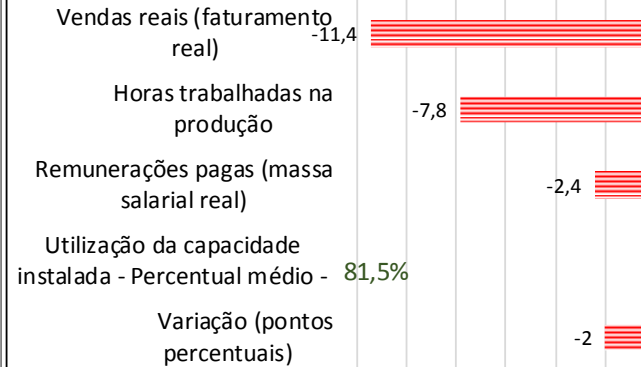
(2) O índice de preços mede as mudanças relativas nos preços dos produtos. Portanto, é um acompanhamento da variação média dos preços dos produtos.

6.3 Produção Industrial Física

INDÚSTRIA GERAL

Fonte: IBGE/PIM

DESTAQUES

Indicadores Industriais de SC
Var. (%) acumulada (jan-out 2015/jan-out 2014)
(Fiesc)**Produção continua em queda**

Nos últimos 12 meses a produção industrial teve um recuo de 6,4%, intensificando a trajetória de queda iniciada em março de 2014.

Indicadores FIESC - Vendas

A queda de vendas da indústria, acompanhada pela Fiesc, foi de 11,4% no acumulado do ano. Caiu também a massa salarial e total de horas trabalhadas. Os maiores declínios foram nos segmentos alimentar e vestuário.

Na comparação com setembro do ano passado, a indústria catarinense teve redução de 11,6% na produção, a terceira taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto. O único setor que cresceu nessa comparação foi o de produtos alimentícios.

Queda no ano se iguala a do País

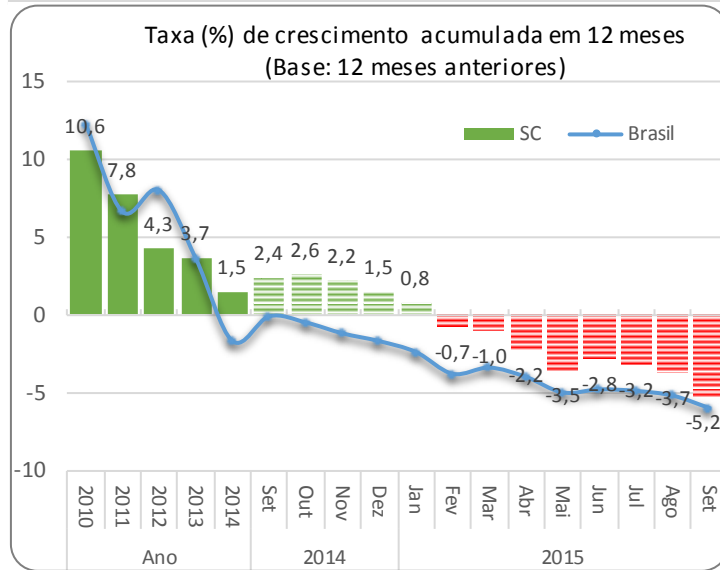
O percentual de queda da indústria catarinense no acumulado do ano se iguala a média nacional. O índice acumulado teve redução de 7,4%, intensificando o ritmo de queda. Das 12 atividades pesquisadas, 10 reduziram a produção, na comparação com o período de 2014. Os setores que mais influenciaram a queda foram os de metalurgia e de máquinas, aparelhos e materiais elétricos.

INDÚSTRIA GERAL POR SUBSETOR

SUBSETOR	Varição (%) mensal - setembro (Base: igual mês do ano anterior)	Var. (%) acum. no ano - até setembro (Base: igual período do ano anterior)
Brasil	-10,9	-7,4
Indústria geral SC	-11,6	-7,4
Produtos alimentícios	0,8	0,7
Produtos têxteis	-23,3	-10,5
Artigos do vestuário e acessórios	-4,9	-4,7
Produtos de madeira	-8,4	-1,9
Celulose, papel e produtos de papel	-6,3	-0,8
Produtos de borracha e de material plástico	-16,6	-6,8
Produtos de minerais não-metálicos	-6,7	2,1
Metalurgia	-20,1	-24
Produtos de metal, exceto máq. e equip.	-15,5	-3,4
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-26	-22,7
Máquinas e equipamentos	-15,9	-11,7
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-28,4	-8,4

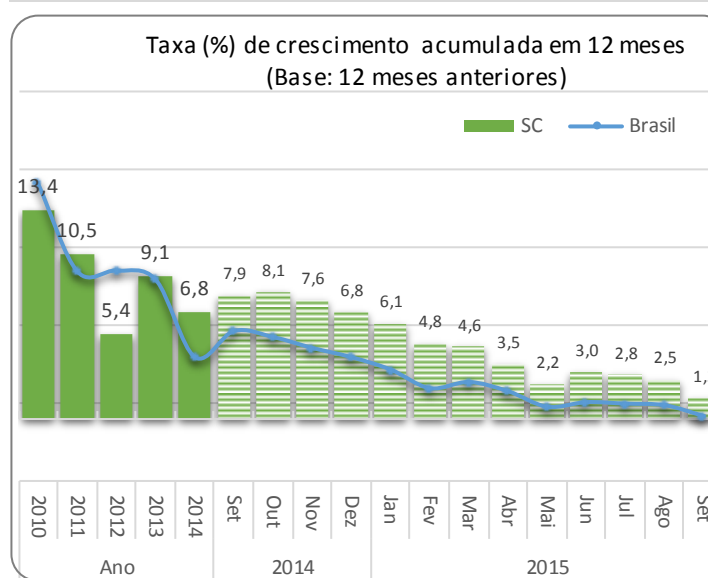
6.4 Volume e Receita Nominal de Vendas do Comércio Varejista Ampliado

VOLUME DE VENDAS



RECEITA DAS VENDAS

Fonte: IBGE - PMC



DESTAQUES

Comércio retraído

Inflação elevada, juros, desemprego, redução da massa salarial e pessimismo no mercado mantêm as vendas do comércio em trajetória de queda.

O crescimento do volume de vendas acumulado em 12 meses está negativo pelo 8º mês consecutivo. A receita também segue em queda e bem abaixo da inflação do período comparado.

Queda de 15,8% no mês

Pelo 3º mês consecutivo, na comparação mensal, a variação do volume de vendas do comércio no Estado foi menor que a verificada na média nacional.

Queda no ano já é maior que a do País

No acumulado do ano, a retração do comércio estadual já supera a verificada na média nacional. Dos 10 segmentos do varejo, apenas 4 tiveram algum crescimento.

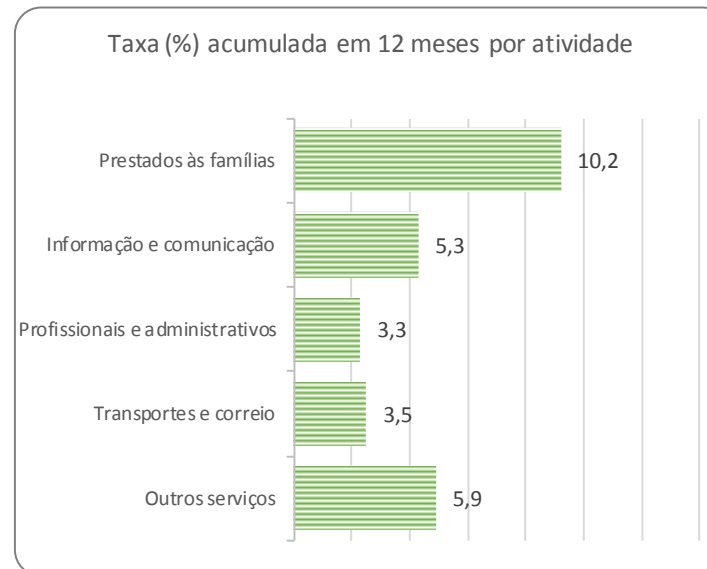
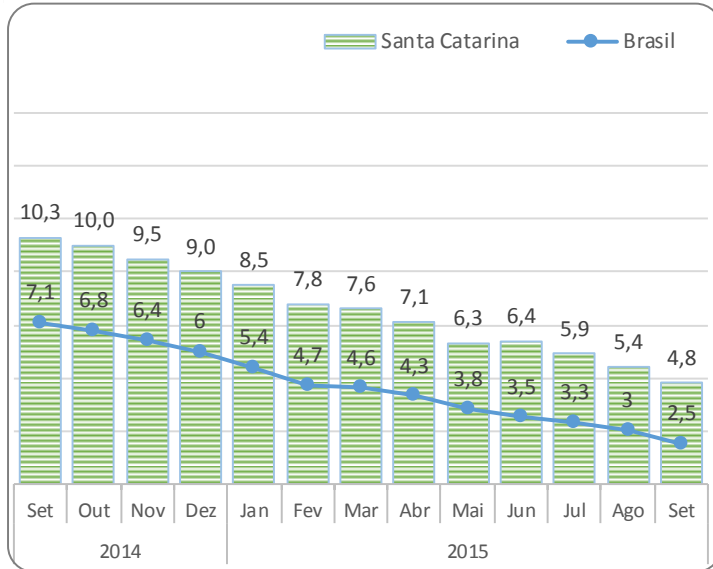
VOLUME DE VENDAS POR ATIVIDADE

Varição (%) mensal - setembro (Base: igual mês do ano anterior)	ATIVIDADES	Varição (%) acumulada no ano até setembro (Base: igual período do ano anterior)
-11,5	Comércio geral - BR	-7,4
-15,8	Comércio geral - SC	-7,8
-1,1	Combustíveis e lubrificantes	2,9
-4,6	Hiper., superm., prod. aliment., beb. e fumo	-1,7
-3,3	Tecidos, vestuário e calçados	-1
-7,4	Móveis e eletrodomésticos	-4,3
5,7	Art. farmac., méd., ortop., de perf. e cosm.	5,6
-3,2	Livros, jornais, revistas e papelaria	0,3
-20,9	Equip. e mat. para escrit., infor. e comunic.	-8,3
-3,7	Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,2
-31,2	Veículos, motocicletas, partes e peças	-19,5
-6,6	Material de construção	-0,1

6.5 Receita Nominal do Setor de Serviços

Taxa (%) de crescimento acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)

Fonte: IBGE/PMS



Taxa (%) de crescimento da Receita Nominal do Setor de Serviços, segundo as atividades

Setor e Atividade (PMS- IBGE)	Variação (%) mensal - setembro (Base: mesmo mês do ano anterior)	Var.(%) a cum. no ano - até setembro (Base: igual período do ano anterior)
Total - BR	0,0	1,8
Total - SC	1	3,6
Serviços prestados às famílias	9	6,9
Serviços de informação e comunicação	3,6	4,2
Serv. Profissionais, administr. e complementares	-9	0,4
Transportes, serv. auxil. aos transportes e correios	-0,2	3,3
Outros serviços	9,2	4,7

DESTAQUES

Receitas dos serviços não repõem inflação

A receita nominal dos serviços cai pelo 3º mês consecutivo e está bem abaixo da inflação de 9,5% dos últimos 12 meses até setembro.

A redução do poder aquisitivo da população, ocasionada pela queda no rendimento médio real e da massa de rendimento médio real, combinada com a inflação crescente, contribuiu para a retração na receita dos serviços.

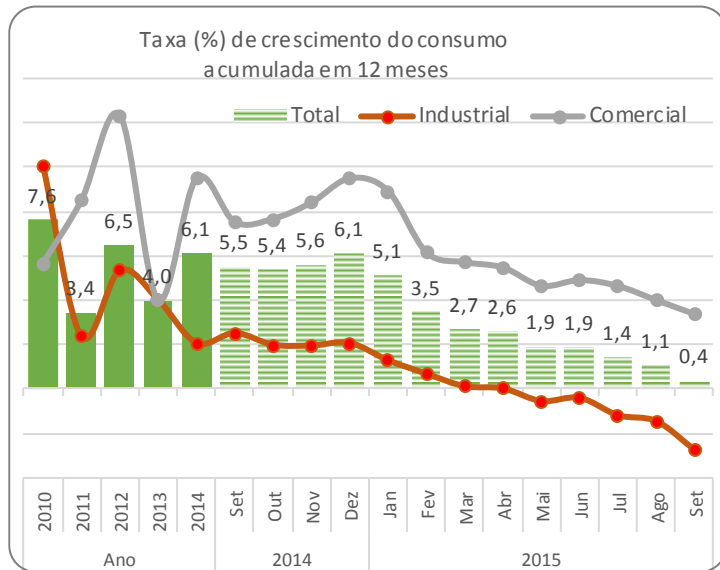
A receita dos serviços em setembro, na comparação com o mesmo mês de 2014, cresceu 1% no Estado, enquanto na média do País teve crescimento nulo. A receita dos serviços profissionais, administrativos e complementares, caiu 9%.

No acumulado de 2015, a receita dos serviços prestados às famílias, em SC, foi a que mais cresceu. Este item inclui os serviços de alojamento e alimentação, de atividades artísticas e esportivas, de estética e higiene, entre outros.

6.6 Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica

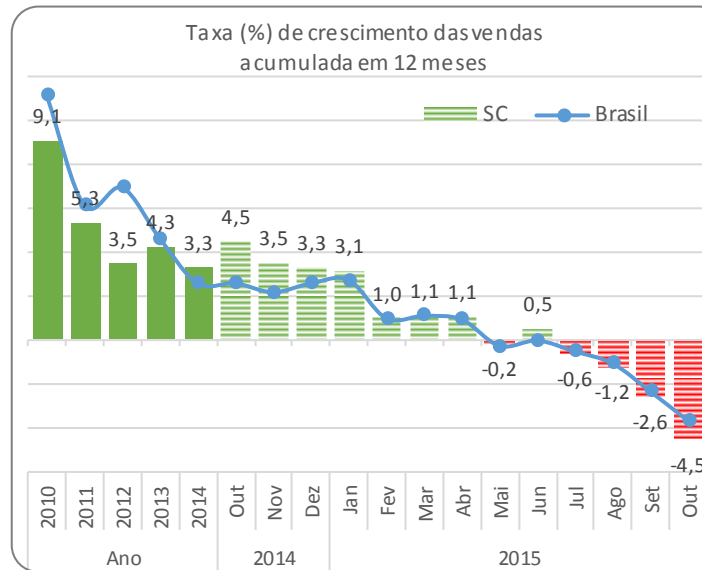
ENERGIA ELÉTRICA

Fonte: CELESC



ÓLEO DIESEL

Fonte: ANP



DESTAQUES

Energia Elétrica

O consumo de energia continua desacelerando. Na indústria, a queda é mais significativa, mas, no comércio a queda também é expressiva. A crise econômica e o aumento das tarifas explicam a tendência.

Óleo Diesel

As vendas no Estado continuam desacelerando rapidamente. Depois de uma pequena recuperação em junho, voltaram a cair nos meses seguintes.

Veículos

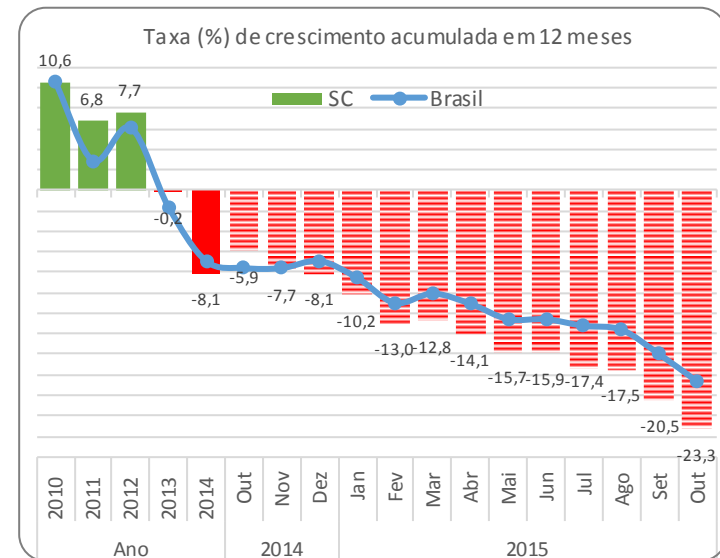
Inflação, juros, endividamento das famílias, desemprego e, especialmente, a falta de confiança dos consumidores e investidores estão entre as principais causas atribuídas ao péssimo desempenho do mercado de automóveis.

Cimento

O consumo no País desacelerou rapidamente nos últimos meses. Com base na evolução do consumo no Sul do País, tendência semelhante se observa em Santa Catarina.

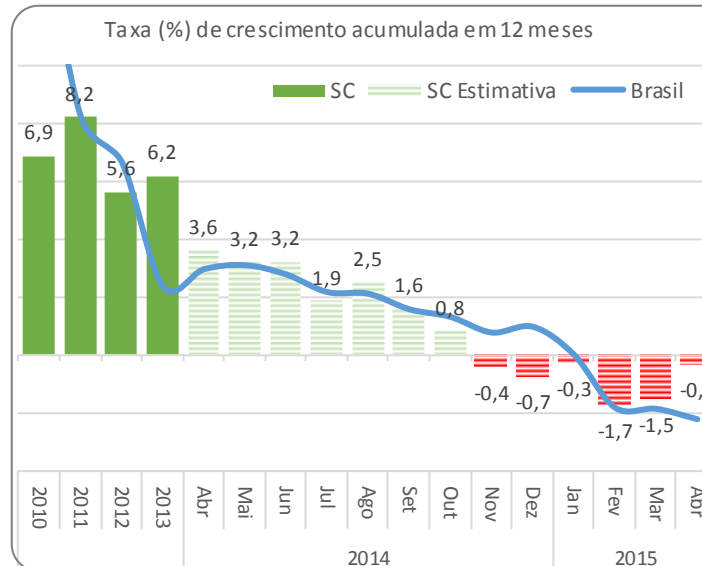
EMPLACAMENTO DE VEÍCULOS NOVOS

Fonte: FENABRAVESC



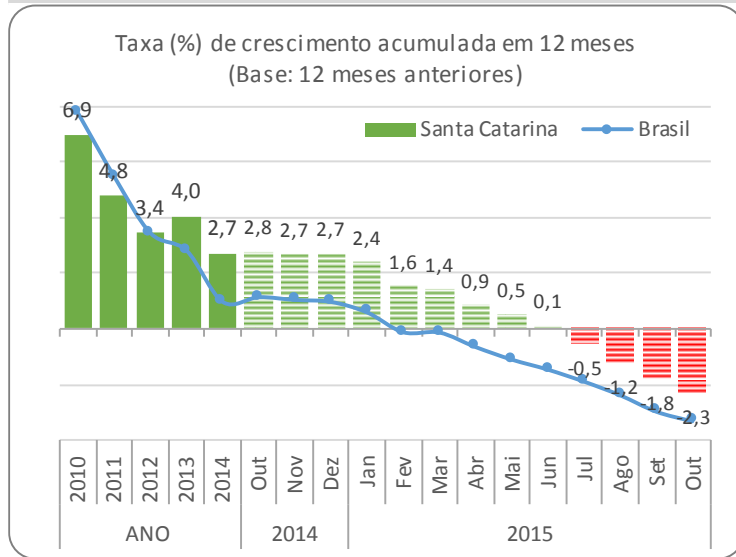
CONSUMO APARENTE DE CIMENTO

Fonte: SNIC

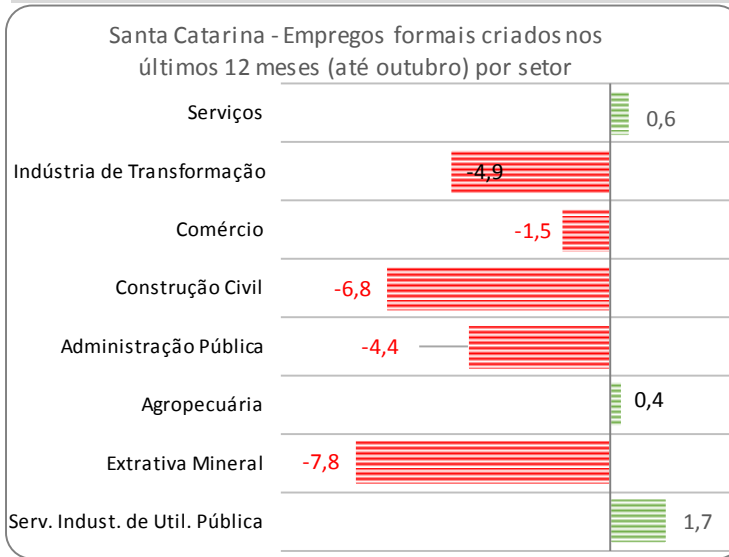


6.7 Mercado de Trabalho

EMPREGO Fonte: MTE/CAGED



EMPREGO FORMAL POR SETOR Fonte: MTE/CAGED



DESTAQUES

Menos vagas

O saldo de empregos formais em 12 meses continua negativo e aumentando. O número de postos de emprego no Estado caiu 2,3%, no período.

Serviços admitem

Em 12 meses, a indústria foi o setor que demitiu o maior número de trabalhadores, seguida pela construção civil e pelo comércio. Os serviços ainda geram postos, mas, desaceleram contratações.

A queda de 2,3% nos postos de trabalho dos últimos 12 meses significou 46,6 mil postos fechados. No País, a queda foi 3,3%, quase 1,4 milhões de postos.

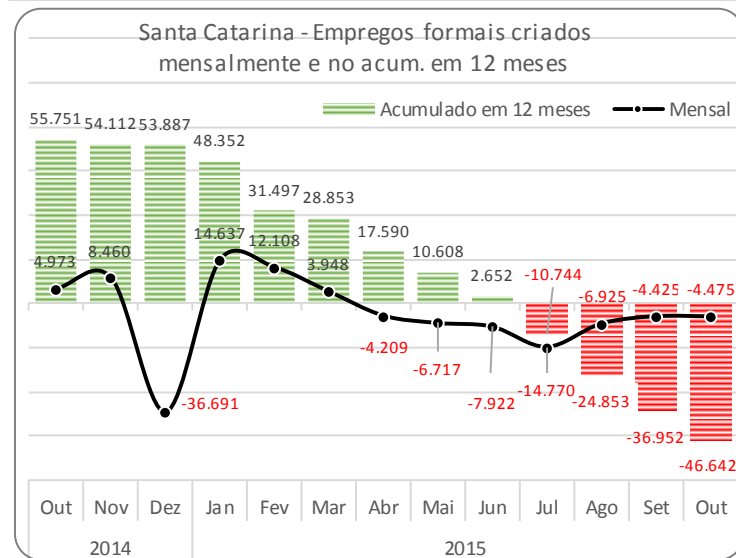
Queda estabilizou no mês

Em outubro foram fechados 4.475 postos, número próximo ao verificado em setembro. No mesmo mês de 2014 foram criados 4,9 mil postos.

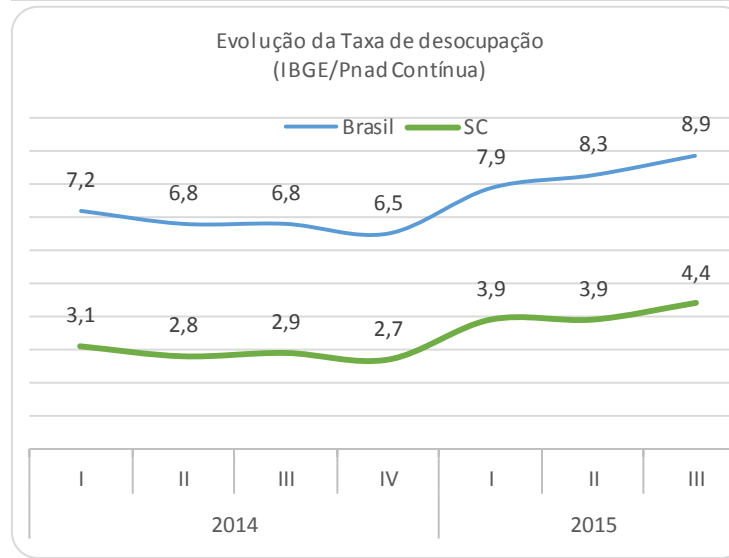
Desemprego aumenta mas é o menor do País

A taxa de desemprego no Estado cresceu no trimestre mas, é a menor do País. O rendimento médio do trabalho em SC era de R\$ 2.042, contra R\$ 1.866, no País.

Fonte: MTE/CAGED



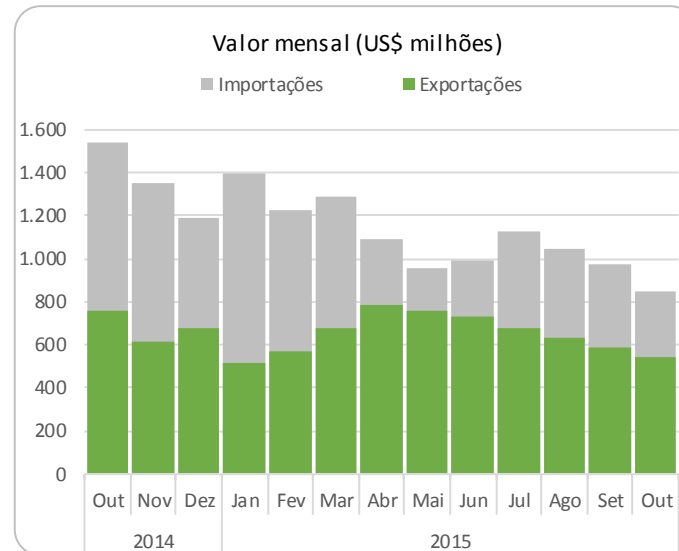
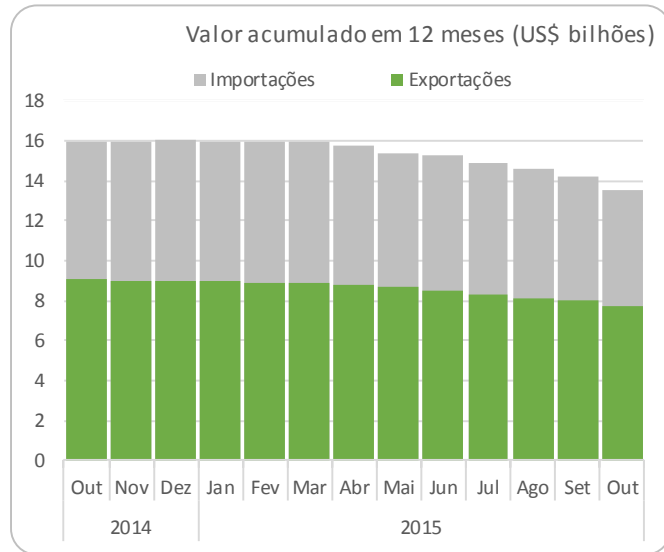
DESEMPREGO (IBGE/PNAD Contínua)



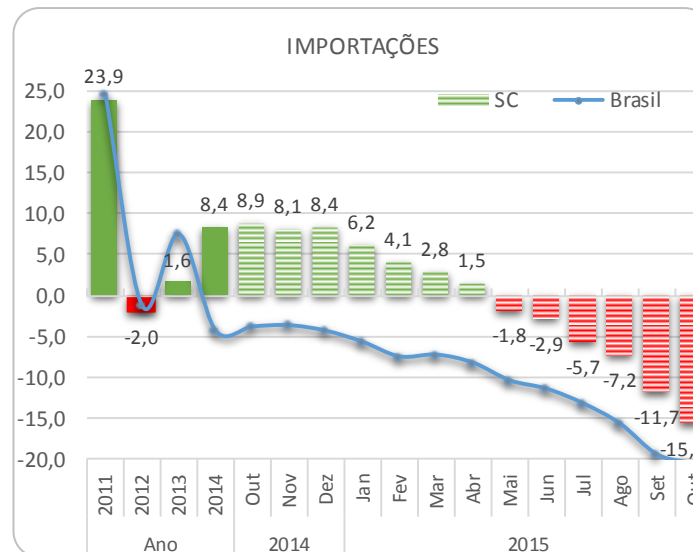
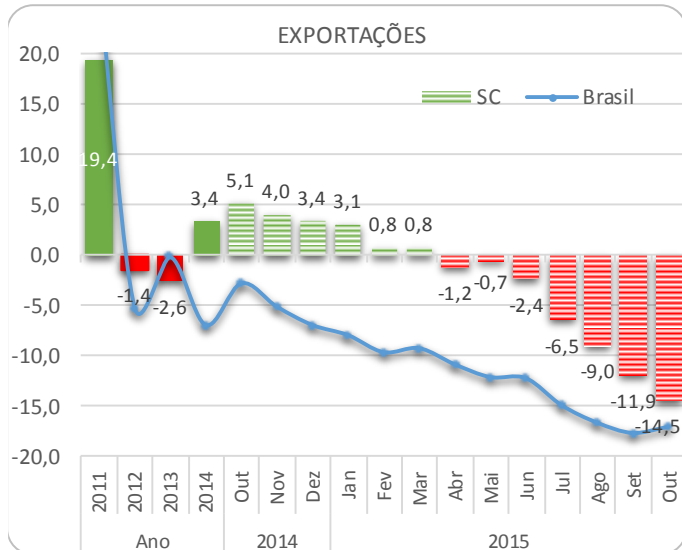
6.8 Comércio Exterior

BALANÇA COMERCIAL DE SANTA CATARINA

Fonte: MDIC



TAXA (%) DE CRESCIMENTO ACUMULADA DE 12 MESES (Base: 12 meses anteriores)



DESTAQUES

Exportações em queda

Nem mesmo a forte desvalorização do real ajudou nas vendas externas do Estado. As exportações caíram pelo 6º mês seguido. No acumulado do ano, a queda já chega a 14,5%. Na mesma comparação, as exportações brasileiras caíram 17,1%.

Entre os principais produtos, as maiores quedas no ano foram registradas pela soja, frangos e pelos suínos. Entre os principais países a China teve a maior redução no valor importado, seguido pela Rússia. A Argentina e o Chile ampliaram as compras.

Importações

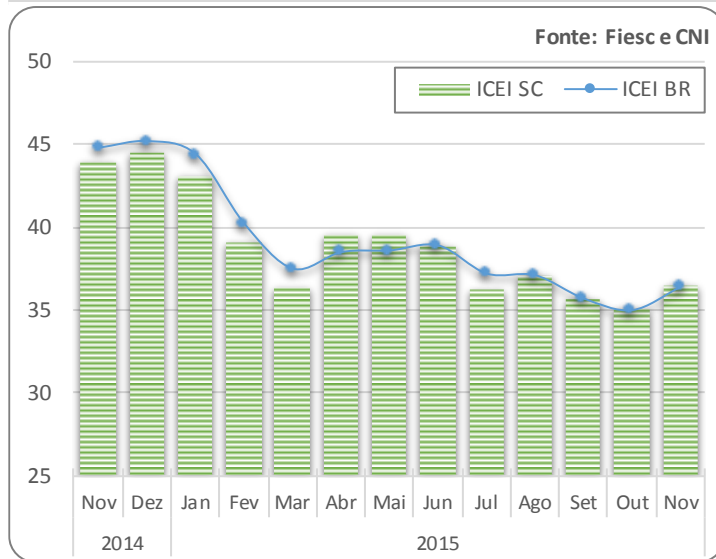
A retração econômica no Brasil e o encarecimento das importações estão derrubando as compras externas, que caíram pelo 3º mês seguido.

Principais parceiros

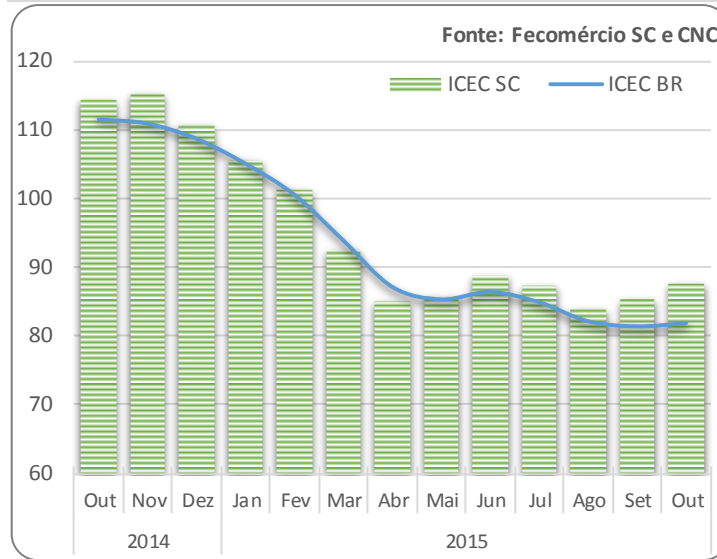
Neste ano, os EUA, a China e a Argentina adquiriram 30,3% das exportações do Estado. Deste mesmo grupo de países, o Estado adquiriu 49,8% daquilo que importou.

6.9 Índices de Confiança

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL CATARINENSE - ICEI



ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO - ICEC



DESTAQUES

Melhora na indústria

A confiança na indústria melhorou um pouco. A opinião dos pequenos empresários pesou no resultado. Mas, o indicador permanece abaixo da média histórica de 54,2 pontos.

Comércio melhora percepção

A confiança dos empresários melhorou pelo 2º mês consecutivo. As expectativas em relação ao futuro explicam a melhora, já que em relação às condições atuais houve piora.

Consumidor pessimista

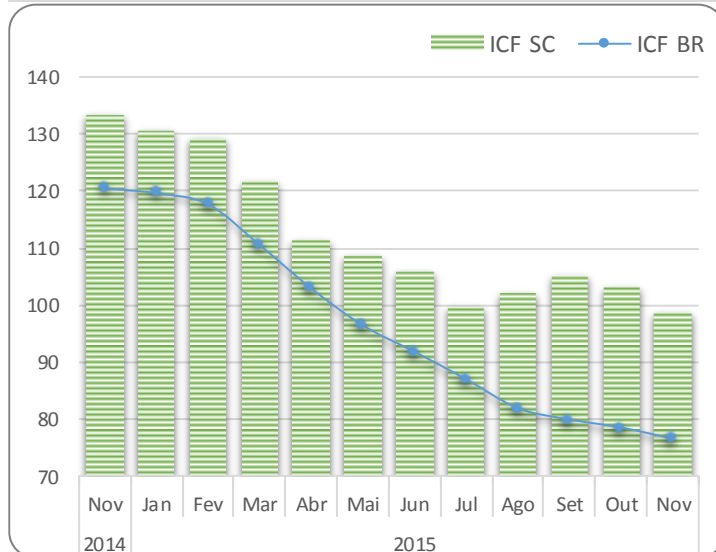
A intenção de consumo - ICF - está no patamar mais baixo da série, indicando pessimismo do consumidor. O nível de consumo atual, as perspectivas futuras e o acesso ao crédito influenciaram a retração do indicador.

Endividamento é recorde

Cresceu em outubro, relativo a setembro, o percentual de famílias catarinenses endividadas. O percentual de 59,9% é o maior da série. Também cresceu o percentual daquelas com dívidas em atraso, de 18,8% para 20%.

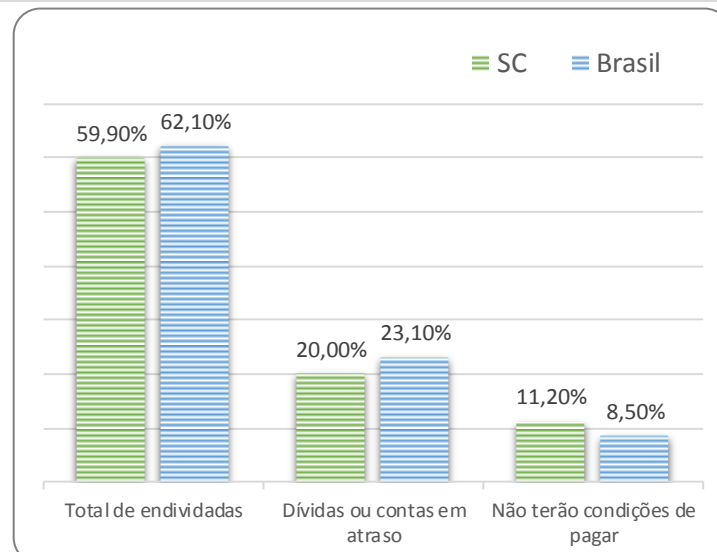
INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS - ICF

Fonte: Fecomércio



ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS - Out. 2015

Fonte: Fecomércio

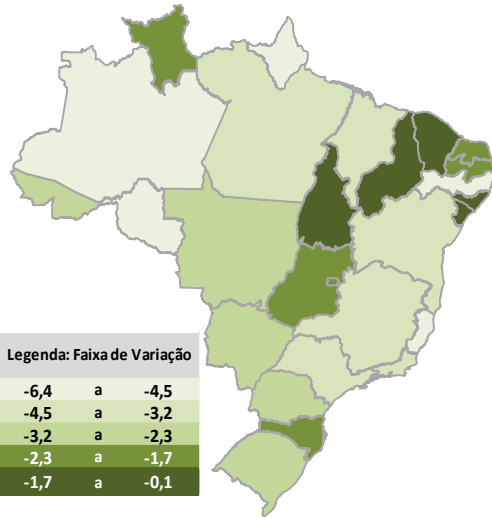


- (1) O ICEI mede a opinião dos industriais sobre as condições econômicas. Varia no intervalo de 0 a 100. Acima de 50 indica confiança e, abaixo, falta de confiança na economia.
- (2) O ICEC mede a percepção dos empresários do comércio no seu ambiente de negócios. Varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a insatisfação e a satisfação dos empresários. (3) O ICF varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a avaliação de pessimismo e de otimismo das famílias.

6.10 Desempenho dos Estados

Desempenho dos Estados - Taxa (%) de crescimento acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)

Emprego formal - Outubro



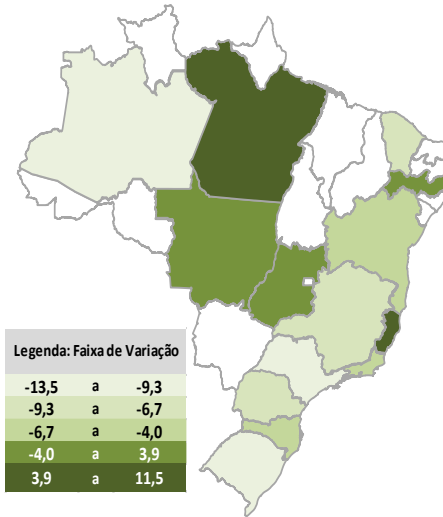
Legenda: Faixa de Variação

-6,4	a	-4,5
-4,5	a	-3,2
-3,2	a	-2,3
-2,3	a	-1,7
-1,7	a	-0,1

Posto dos 14 maiores estados e DF

1 Ceará	-1,3
2 Distrito Federal	-2,0
3 Goiás	-2,3
4 Santa Catarina	-2,3
5 Paraná	-2,5
6 Mato Grosso	-2,8
7 Rio Grande do Sul	-3,2
8 São Paulo	-3,3
9 Rio de Janeiro	-3,6
10 Bahia	-3,7
11 Pará	-4,2
12 Minas Gerais	-4,3
13 Espírito Santo	-4,8
14 Pernambuco	-6,2
15 Amazonas	-6,4

Produção Física da Indústria - Setembro



Legenda: Faixa de Variação

-13,5	a	-9,3
-9,3	a	-6,7
-6,7	a	-4,0
-4,0	a	3,9
3,9	a	11,5

Posto dos 14 maiores estados

1 Espírito Santo	11,5
2 Pará	5,7
3 Mato Grosso	3,9
4 Goiás	0,5
5 Pernambuco	-3,8
6 Bahia	-4,0
7 Rio de Janeiro	-5,0
8 Santa Catarina	-6,4
9 Minas Gerais	-6,7
10 Paraná	-6,8
11 Ceará	-8,4
12 Rio Grande do Sul	-9,3
13 São Paulo	-9,7
14 Amazonas	-13,5

DESTAQUES

Retração generalizada no emprego

SC perdeu em outubro uma posição entre os 14 maiores estados e o DF no mercado de empregos. Continua, no entanto, melhor posicionada que os demais estados industrializados.

Indústria - Centro-Sul tem forte retração

A indústria nos principais estados brasileiros enfrenta uma forte retração. Em SC já encolheu 6,4% nos últimos 12 meses mas, retraiu menos que nos demais estados do Sul.

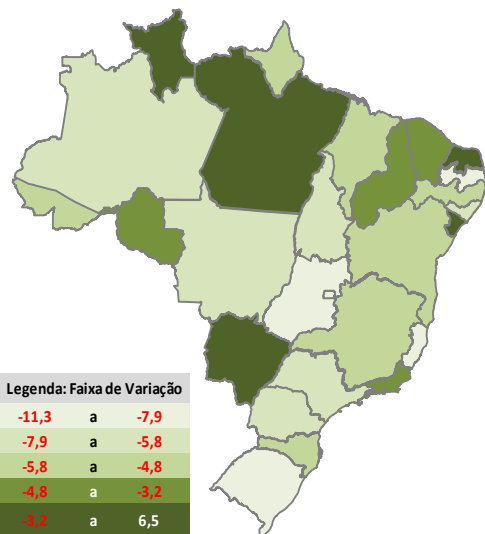
Comércio vende menos

A forte retração de setembro fez SC perder posição no desempenho do comércio. Entre os principais estados e o DF passou para o 5º em volume de vendas nos últimos 12 meses. Nesta comparação ainda se mantém acima da média nacional e dos estados do Sul.

Serviços é destaque

A receita dos serviços continua caindo mas, SC mantém o melhor desempenho do Centro-Sul do País. Com os resultados de setembro, mantém-se como o 2º estado onde a receita mais cresceu, entre aqueles onde ocorre a pesquisa.

Vol. de vendas no comércio varejista ampliado - Setembro



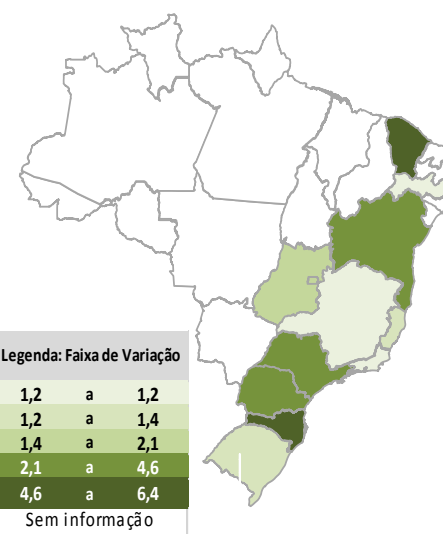
Legenda: Faixa de Variação

-11,3	a	-7,9
-7,9	a	-5,8
-5,8	a	-4,8
-4,8	a	-3,2
-3,2	a	6,5

Rank dos 14 maiores estados e DF

1 Pará	-1,3
2 Rio de Janeiro	-3,2
3 Ceará	-3,7
4 Minas Gerais	-5,1
5 Santa Catarina	-5,2
6 Pernambuco	-5,7
7 Bahia	-5,7
8 Amazonas	-6,0
9 Paraná	-6,0
10 São Paulo	-6,6
11 Mato Grosso	-7,3
12 Distrito Federal	-8,9
13 Rio Grande do Sul	-8,9
14 Goiás	-10,1
15 Espírito Santo	-11,3

Receita nominal do setor de serviços - Setembro



Legenda: Faixa de Variação

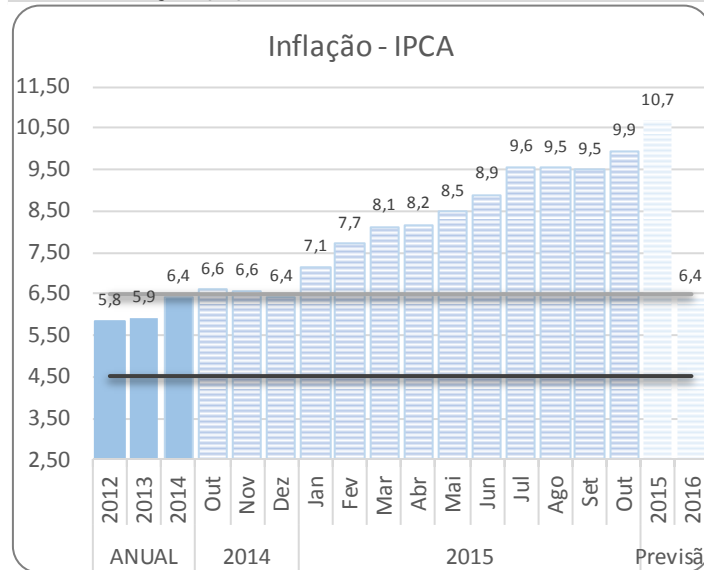
1,2	a	1,2
1,2	a	1,4
1,4	a	2,1
2,1	a	4,6
4,6	a	6,4
Sem informação		

Posto dos 11 maiores estados e DF

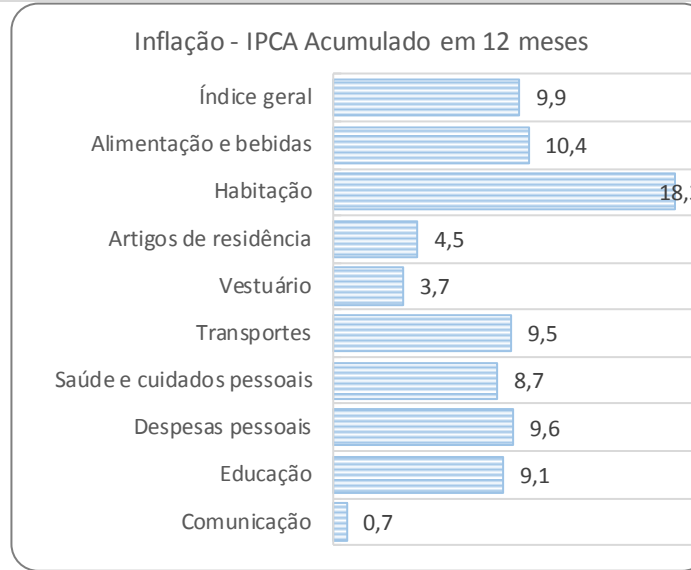
1 Ceará	6,4
2 Santa Catarina	4,8
3 Bahia	4,4
4 São Paulo	3,2
5 Paraná	2,1
6 Distrito Federal	2,0
7 Goiás	1,6
8 Espírito Santo	1,4
9 Rio Grande do Sul	1,3
10 Pernambuco	1,2
11 Rio de Janeiro	1,2
12 Minas Gerais	1,2

7 OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS – INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO

IPCA - Variação (%) acumulada em 12 meses



IPCA-Var. (%) acum. em 12 meses até outubro, por setor



DESTAQUES

Inflação volta a subir

Na perspectiva dos últimos 12 meses, o índice está em 9,93%, um pouco acima dos 9,49% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em outubro de 2014, o índice estava em 6,6%.

IPCA por setor

Energia elétrica e gás residencial; carnes e hortifrutis; recreação e serviços pessoais (despesas pessoais) e combustíveis continuam sendo os itens que exercem maior pressão sobre os preços.

Índice sobe em outubro

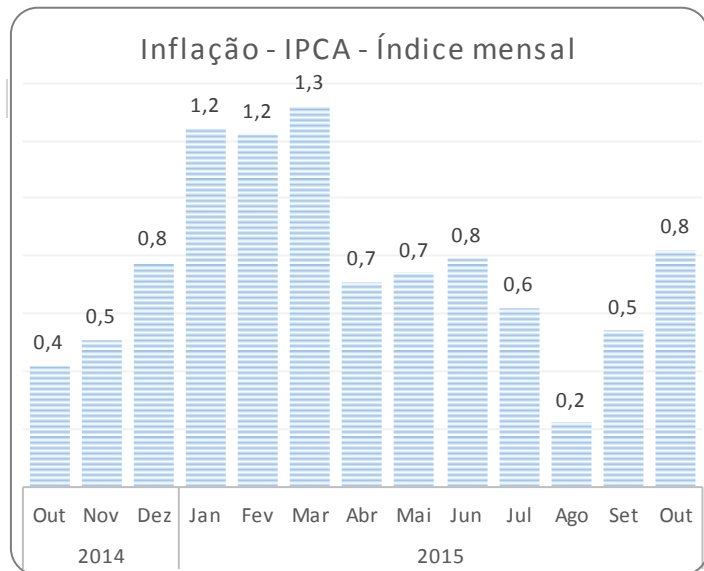
A inflação mensal de outubro subiu pelo pelo segundo mês consecutivo e apresentou variação de 0,82%. O item de maior impacto no mês foi o de combustíveis (transportes) que teve um crescimento médio de 6%.

Desvalorização do Real

O mercado de câmbio operou com relativa tranquilidade em novembro, com o dólar registrando uma pequena queda frente ao real pelo segundo mês consecutivo. Nos últimos 12 meses, no entanto, já perdeu 43% do seu valor. Esta forte depreciação tem gerado forte impacto no cotidiano das pessoas, das empresas e do próprio governo.

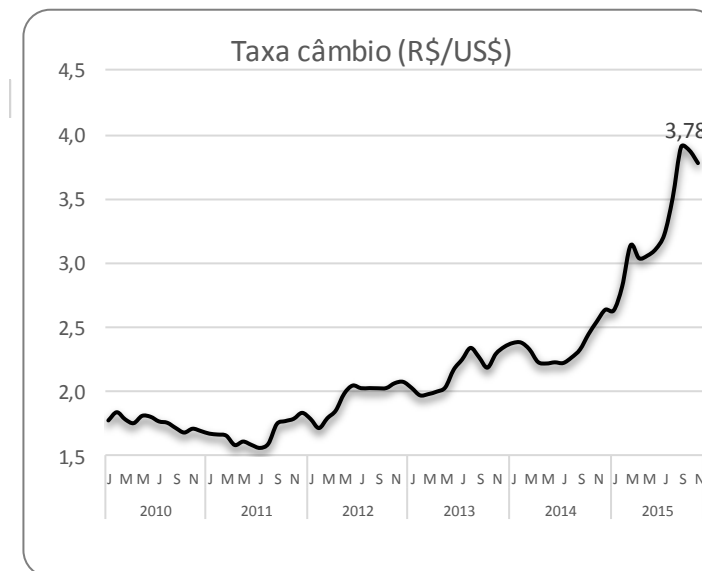
INFLAÇÃO

Fonte: IBGE



CÂMBIO

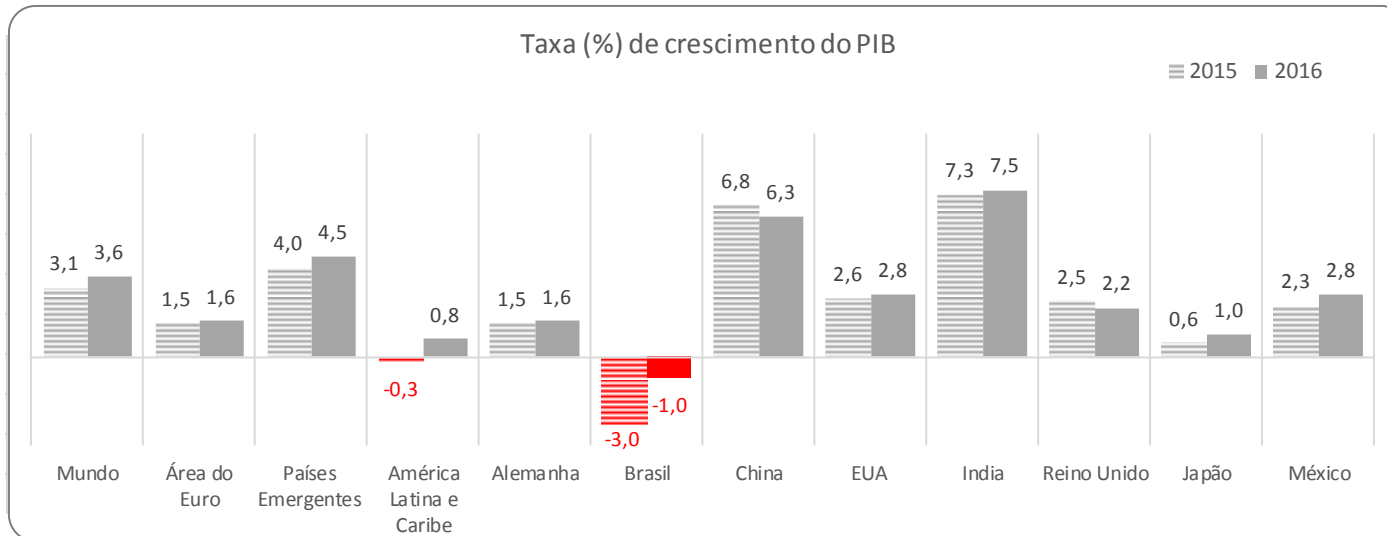
Fonte: BACEN



8 ECONOMIA INTERNACIONAL

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

Fonte: FMI - World Economic Outlook Database - Outubro de 2015



DESTAQUES

Mundo: FMI prevê crescimento menor

O mundo deverá crescer 0,3 pp a menos que em 2014, e 0,2 pp abaixo da previsão de julho. As previsões para 2016 também sofreram redução.

Causas da retração

Os baixos preços das commodities, a queda nos influxos de capitais, a pressão cambial e a volatilidade no mercado financeiro reduzem as previsões de crescimento nos países emergentes e em desenvolvimento. Os ricos deverão crescer mais lentamente.

Brasil

Ajuste fiscal, retração no mercado de commodities e a baixa confiança e previsibilidade no ambiente de negócios pioram ainda mais as perspectivas para a economia brasileira em 2015.

Commodities

Os preços das commodities no mercado internacional se mantêm baixos. O petróleo, no entanto, teve leve recuperação em outubro, subindo 2,5%. Já o da soja e do milho, caíram 0,9% e 1,4%, respectivamente.

COMMODITIES - Preços no Mercado Internacional (Em US\$)

Fonte: Bloomberg/Banco Central do Brasil-novembro de 2015

